

**LÍNGUAS
GLOCAIS**
VOZES DO SUL



Coordenação

Kleber Aparecido da Silva

Assistente de Coordenação

Cátia Regina Braga Martins

Dllubia Santclair

Lauro Sérgio Machado Pereira

Oseas Bezerra Viana Jr.

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Rodriana Costa

Rosana Helena Nunes

Conselho Editorial

Alastair Pennycook

Allen Quesada

Ana Nery Damasceno Noronha

Ana Sousa

Antonieta Heyden Megale

Aparecida de Jesus Ferreira

Beatriz Gama Rodrigues

Carmen Jená Machado Caetano

Cátia Regina Braga Martins

Daniel Silva

Elaine Fernandes Mateus

Elkerlane Martins de Araújo

Fernanda Coelho Liberali

Joaquim Dolz

Kleber Aparecido da Silva

Li Wei

Lynn Mário Menezes de Sousa

Gabriela A. Veronelli

Gisvaldo Araújo Silva

Manuela Guilherme

Reinildes Dias

Ofelia Garcia

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Paulo Massaro

Renato Cabral Rezende

Rodriana Costa

Rosana Helena Nunes

Rosane Pessoa

Ryuko Kubota

Sávio Siqueira

Sweder Sousa

Tatiana Dias

Veruska Machado

Vilson Leffa

Viviane Resende

Manuela Guilherme
(coordenação)

6 LÍNGUAS
GLOCAIS
VOZES DO SUL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Línguas glocais : vozes do sul / organização Kleber Aparecido da Silva ; coordenação Manuela Guilherme. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022. – (*Estudos Críticos em Linguagens*)

ISBN 978-85-7591-604-9

1. Linguagem e línguas I. Silva, Kleber Aparecido da.
II. Guilherme, Manuela. III. Série.

22-99526

CDD-400

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem e língua : Linguística 400

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

AGRADECIMENTOS

Este livro deve muito ao trabalho realizado no âmbito da primeira fase (Outubro 2014 – Outubro 2015) do seguinte projecto: ‘Glocal Languages’ and ‘Intercultural Responsibility’ in a postcolonial global academic world (GLOCADEMICS): Power relations between languages/cultures within and between research groups (Setembro 2014 – Setembro 2017) (<http://www.ces.uc.pt/projectos/glocademics>), financiado por uma bolsa individual atribuída pela Comissão Europeia (Marie Skłodowska-Curie Actions) a Maria Manuela Duarte Guilherme, Pesquisadora Principal e única autora da proposta.

*Instituição de acolhimento do projecto (2014-2017): Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (coordenador geral do projecto: Boaventura de Sousa Santos);
Instituição de acolhimento do projecto para o estudo empírico no Brasil: Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo (coordenador do projecto no Brasil: Lynn Mario T. Menezes de Souza).*

A organizadora deste livro está particularmente agradecida aos Professores colaboradores da fase 1 do projecto (2014-15) que aceitaram ser autores da maior parte deste livro e a tornar públicas algumas das suas contribuições para este projecto.

Estou particularmente grata pelo apoio eficiente e valioso, mesmo à distância, dado pelo Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, nomeadamente pelo seu Director

Executivo, Doutor João Paulo Dias, pelo Gestor de Projecto, André Caiado, pela Coordenadora do Gabinete de Gestão de Projectos, Rita Pais, pelo Coordenador do Gabinete de Tecnologia Informática, Pedro Abreu, pela Coordenadora e Bibliotecários da Biblioteca Norte-Sul, Maria José Carvalho, Acácio Machado e Inês Lima. A todas/os fico agradecida também pela solidariedade amiga num momento de sofrimento pessoal. Estou igualmente agradecida aos outros participantes do projecto que também contribuíram para a fase 1, muitos dos quais têm colaborado em outras publicações, bem como aqueles colegas que facilitaram a implementação do projecto nos seus departamentos, sobretudo Lynn Mário Menezes de Souza, Sávio Siqueira e Clarissa Jordão. Também agradeço a hospitalidade, tanto pessoal como profissional, dos colegas que me receberam nos vários eventos académicos no Departamento de Línguas Modernas na Universidade de S. Paulo, Instituto de Letras na Universidade Federal da Bahia e no Departamento de Línguas Modernas e Centro de Línguas e Interculturalidade (CELIN), na Universidade Federal do Paraná. Saliento também a minha gratidão a Lynn Mario Menezes de Souza (USP) e Sávio Siqueira (UFBA) por me terem recebido nos seus grupos de pesquisa e, portanto, também agradeço aos seus estudantes de doutoramento e pós-doutoramento.

SUMÁRIO

LÍNGUAS GLOCAIS – VOZES DO SUL 9

Manuela Guilherme

SECÇÃO 1: LÍNGUAS GLOCAIS – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

LÍNGUAS GLOCAIS: A REINVENÇÃO
DAS LÍNGUAS DESCOLONIZADAS 27

Manuela Guilherme

SECÇÃO 2: LÍNGUAS INDÍGENAS E DIÁSPORAS CULTURAIS INVOLUNTÁRIAS

LÍNGUAS INDÍGENAS: UM ESTUDO
DE CASO SOBRE VARIAÇÃO E UNIVERSAIS 73

Luciana R. Storto

ESTUDOS DE EXPRESSÕES IDENTITÁRIAS:
UMA EXPERIÊNCIA “GLOCAL” 97

Florentina da Silva Souza

SECÇÃO 3: PORTUGUÊS COMO ‘LÍNGUA GLOCAL’

GRAMÁTICA E GRAMÁTICAS: DO PORTUGUÊS
AO PORTUGUÊS BRASILEIRO 119

Maria Cristina Figueiredo Silva

O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA GLOCAL:
CAMINHO PARA A CIDADANIA E O ACOLHIMENTO 145
Rosane de Sá Amado

SECÇÃO 4: ESPANHOL COMO 'LÍNGUA GLOCAL'

DIMENSIONES COMPARATIVAS PARA LA LENGUA
ESPAÑOLA EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR BRASILEÑA 177
Adrián Pablo Fanjul

VOCES EN ESPAÑOL: VARIACIÓN LINGÜÍSTICA Y
HETEROGENIDAD DISCURSIVA DE UNA LENGUA PLURAL 201
Francisco Javier Calvo del Olmo

SECÇÃO 5: INGLÊS COMO 'LÍNGUA GLOCAL'

POR UMA "ECOLOGIA DOS SABERES": LÍNGUA E
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE 229
Anna Maria Grammatico Carmagnani

O ENCONTRO ENTRE O GLOBAL E O LOCAL:
DISCUTINDO UMA PERSPECTIVA CRÍTICA
NO APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA 249
Walkyria Monte Mor

CONCLUSÃO: UM DESAFIO AOS PROFESSORES
DE LÍNGUAS E CULTURAS NO BRASIL 277
Manuela Guilherme

SOBRE OS AUTORES 285

LÍNGUAS GLOCAIS: VOZES DO SUL

Manuela Guilherme

Introdução: Línguas glociais

As palavras de sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória, as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho.
(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

Estima-se que haveria mais de um milhar de línguas indígenas quando o homem branco aportou ao território que hoje é o Brasil, o *locus de enunciação* deste livro. Ser homem e ser branco foi imprescindível para a estratégia de conquista, para se multiplicar e diferenciar. Vieram os mercadores para negociar e os missionários para apaziguar e abençoar. Para estes efeitos, e tão somente, precisaram de uma língua que hoje chamam ‘franca’, uma língua geral, que de ‘franca’ tinha pouco ou quase nada, porque foi um instrumento para colonizar, e menos para comunicar, através da persuasão violenta, porque

os portugueses eram pouquíssimos e os indígenas ainda eram muitos e ainda ‘jogavam no seu campo’. Ao longo dos séculos, o Brasil foi-se tornando cada vez menos multilíngue, quer nas suas línguas de origem quer nas línguas importadas, escravizadas ou imigrantes. O multilinguismo foi sendo sufocado no Brasil, quer durante a opressão colonial quer durante os tempos de opressão nacional e, só para dar uma ideia da devastação das línguas indígenas, o censo de 2010 identificou apenas umas duas centenas de línguas indígenas no Brasil, faladas por pequenas comunidades (Cavalcanti e Maher 2017, p. 3). As línguas dominantes europeias foram permanecendo entre as elites, especialmente a língua francesa, também ela dominante nas elites intelectuais de Portugal e da Europa continental. Muito mais recentemente, com o processo de democratização e de internacionalização do Brasil, tentando entrar na nave da globalização capitalista, a língua inglesa começou a ganhar ímpeto no final do século XX até à actualidade. Quanto à presença da língua espanhola no Brasil, resumiu-se a pouco mais do que aos contactos transfronteiriços, já que o Brasil permanecia de costas voltadas para os seus vizinhos de língua espanhola até aparecer o incentivo do Mercosul, consequência da tomada de consciência da importância do fortalecimento regional face à globalização e transnacionalização dos mercados, tal como aconteceu com Portugal e Espanha após a sua adesão à Comunidade Europeia. No que respeita à língua portuguesa no Brasil, a sua extrema expansão, imposta, num território imenso com uma geografia muito variada e enorme diversidade populacional, fortemente miscigenada, só poderia resultar também numa extrema variabilidade linguística, como tem sido registada e analisada, numa base interdisciplinar e desde há décadas, nomeadamente pelo projecto ALIB – Atlas Linguístico do Brasil, coordenado pela Universidade Federal da Bahia (Cardoso *et al.* 2014) e também, mais pontualmente, por outros autores, como por exemplo Luchesi (2015) da mesma universidade.

Ainda que apenas recentemente, mas desde há pelo menos um século, tanto as línguas nativas latino-americanas

como as línguas nacionais, o português brasileiro e o espanhol latino-americano, já consideradas as suas legitimidades, têm sido objecto de muita pesquisa regional. No entanto, pelo facto de que tanto umas como outras foram analisadas, com demasiada frequência, com instrumentos da linguística tradicional europeia e com referência a normas-padrão europeias, a autonomia da realização ‘glocal’ destas línguas raramente foi inteiramente reconhecida. Tal como reclama Rajagopalan:

... enquanto se insistir numa definição do que é a língua em primeiro lugar, definição que parta da ideia de que todas as línguas se constituem em sistemas autossuficientes, simplesmente não se pode imaginar que qualquer ‘dado empírico’ recolhido de forma aleatória possa um dia vir a mostrar as limitações daquela mesma definição. (2004, p. 26)

A elasticidade das línguas, a sua capacidade de ir criando constelações várias, com os seus próprios subsistemas normativos, a beleza das suas mestiçagens, a adaptação às novas rotinas e às diferentes paisagens, tem sido menosprezada pelos olhares eurocêntricos, tanto no Norte como no Sul geográficos, apesar dos muitos estudos existentes que colocam esta elasticidade em evidência. Instituíram-se padrões estáticos de normalidade, de qualidade, subvalorizando-se as riquezas da vida real, embora não seja, de modo algum, aqui advogado o relativismo linguístico. Esta capacidade criativa, e também normativa, replica-se em uma língua Outra, imposta, adquirida, vivida. A propósito, convém referir Darcy Ribeiro (Ribeiro 2016) que identificou “quatro grandes configurações histórico-culturais” de povos “extraeuropeus”: – os *Povos-Testemunho*, os *Povos-Novos*, os *Povos-Transplantados* e os *Povos-Emergentes*, transversais às nacionalidades, etnias e outras categorias que têm presidido às divisões culturais estabelecidas na modernidade. Ainda, segundo este autor, “estas configurações não devem ser tidas como entidades socioculturais independentes – como são as etnias – porque

lhes falta um mínimo de integração que as ordene internamente e lhes permita atuar como unidades autônomas” (2016, p. 25). O que nos interessa aqui é compreender como estes povos, neste sentido de configurações histórico-culturais transversais, se cruzam e evoluem, como e porquê, e ainda, embora o autor não se detenha aí, imaginar como as línguas, originais e de convivência, se foram acomodando, expandindo e regredindo, globalizando-se, relocalizando-se e ‘glocalizando-se’, pois todas estas configurações são extraordinariamente dinâmicas e também discursivas, tanto no plano sincrónico como no plano diacrónico.

Na academia brasileira muito trabalho tem sido produzido sobre as questões linguísticas, as políticas linguísticas, os programas de letramento, os posicionamentos de línguas específicas, quer na forma de pesquisa em linguística aplicada, quer na forma de estudos interdisciplinares e transdisciplinares. Como afirma também Rajagopalan (2013), há que considerar tão importantes as decisões políticas como as fases de planeamento e as actividades de implementação, sem esquecer o imaginário monolíngue da maioria do povo brasileiro que vai determinando, ainda mais do que as políticas linguísticas, a vivência política e social do multilinguismo real (Maher 2013). Deste modo, tão perniciosas são as políticas linguísticas castradoras como “a ausência de uma política linguística de Estado [*que*] constitui em si mesma, uma política linguística de estado” (Maher 2013, p. 125, ênfase da autora). No entanto, e apesar das muitas críticas feitas às políticas linguísticas no Brasil, ou à sua ausência, não se coíbem de afirmar os autores mais reconhecidos no Brasil que “a LA [Linguística Aplicada] brasileira certamente se distingue da LA de outros países em termos tanto dos objetos que elege para estudo, quanto em termos das metodologias praticadas e das próprias abordagens teórico-práticas utilizadas” (Jordão 2016, p. 11). As abordagens ‘glocais’ no ensino/aprendizagem de línguas e culturas, numa perspectiva intercultural, no Brasil, no sentido em que estudam questões específicas locais sem deixar de as circunscrever nos âmbitos nacional, regional, internacional e transnacional, abundam neste campo temático.

Com facilidade se pode citar outras referências bibliográficas, para além das que aqui têm sido chamadas mais concretamente como, por exemplo, vários textos recentes sobre o letramento crítico, pedagogia crítica, programas e formação de professores (por exemplo, Rocha e Maciel 2015, Porfírio e Siqueira 2016, Pessoa, Silvestre e Monte-Mór 2018). Embora se confirme que a praxis de Paulo Freire não é hoje tão profundamente nem tão extensivamente implementada no Brasil como deveria ser, por culpa também de regimes políticos que têm procurado erradicar as suas teorias humanistas, os textos acima mencionados evidenciam essa tentativa.

Outros trabalhos têm desenvolvido a interculturalidade nas aulas de línguas (por exemplo, Sheyerl e Siqueira 2016). Na verdade, como reclama Moita Lopes (2006, 2009) a Linguística Aplicada no Brasil “explode a relação entre teoria e prática ao contemplar as vozes do Sul” (2006, p. 103) e afirma também nestes seus textos a inevitabilidade de uma linguística “indisciplinar” e “mestiça” no Brasil para além do seu papel político e ético no “processo de renarração ou redescrição da vida social” e na redefinição das epistemologias (2006, pp. 90-91). Na implementação prática destas tensões nas aulas de língua, autores continuam a solicitar, a exemplificar e a interrogar-se sobre as suas intervenções na sala de aula, perguntas que, na situação política actual do Brasil, se tornam ainda mais pertinentes como as abordagens às questões ideológicas nas aulas de língua estrangeira, a falácia da neutralidade do professor e a imprescindibilidade de uma pedagogia crítica (Araújo-Silva e Siqueira 2009). Este assunto tem-se tornado compreensivelmente incendiário perante as exigências governamentais de uma ‘escola sem partido’.

Este livro, intitulado *Línguas glocais: vozes do sul*, constitui um mosaico de relatos de experiências curriculares realizadas por alguns docentes, de apenas três universidades, que tiveram a generosidade profissional de colaborar com o projecto Glocademics financiado pela Comissão Europeia (2014-2017) (<http://www.ces.uc.pt/projectos/glocademics>). O objectivo principal deste projecto, que incluiu um estudo de

2 anos no Brasil, foi analisar o plurilinguismo e o intercâmbio epistemológico intercultural entre pesquisadores brasileiros, das áreas das Ciências Sociais e Humanas e das Ciências da Vida, e os seus pares europeus e latino-americanos. Este livro resulta de um estudo prévio sobre o ensino de algumas línguas no ensino superior nessas três universidades para contextualizar o estudo de base com as equipas de pesquisa. Este estudo prévio buscava encontrar um suporte teórico-prático para uma nova terminologia proposta para este projecto – ‘línguas glocais’ – que oferecesse exemplos de perspectivas curriculares e de planeamentos pedagógicos que inspirassem a percepção local de línguas com espectro global para uma realização ‘glocal’. Nesta medida, este pequeno estudo (27 Professores, 3 universidades federais) concentrou-se no planeamento e sua discussão de programas curriculares: - 2 reuniões presenciais, cada uma de 60 minutos, em momentos diferentes do estudo, para selecção e análise dos planos curriculares de cada disciplina por um(a) professor(a) em particular, análise individual e comparativa de cada plano disciplinar e uma declaração final de cada professor(a). As línguas, na abordagem da docência, examinadas neste pequeno estudo, na sua ‘globalidade’ e na sua ‘localidade’, foram as chamadas línguas indígenas brasileiras, português brasileiro, espanhol latino-americano e inglês transnacional, na perspectiva do Sul descolonial. As línguas indígenas brasileiras, bem como a ‘lingua geral’ ou ‘Nheengatu’ foram incluídas no âmbito de línguas glocais porque os seus troncos comuns e as extensões territoriais onde se falam são sempre desvalorizadas, quando vistas da perspectiva das epistemologias do Norte. O Norte e o Sul foram aqui considerados tão metafóricamente quanto geograficamente no que respeita ao diálogo inter-epistémico. De igual modo, a totalidade e o potencial de expansão perdido são frequentemente negligenciados, quer em análises diacrónicas, quer em análises sincrónicas. Daí a importância fundamental da consideração destas línguas neste estudo. Também fez parte deste estudo no Brasil a análise comparativa intercultural sobre os trabalhos de Paulo Freire e John Dewey na perspectiva das matrizes coloniais Norte-Sul das Américas (Guilherme 2017, 2018).

O termo 'línguas glocais' foi inspirado no termo 'glocalization' apresentado por Robertson (1995) para substituir os termos 'globalização' e 'globalidade' aos quais estavam a ser atribuídos significados com os quais o autor não concordava. Assim, decidiu adoptar o termo 'glocalização' cuja ideia, segundo ele, começou a ser usada em língua japonesa, em primeiro lugar na agricultura e, em segundo lugar, na economia e negócios. Com este termo, pretendia igualmente chamar a atenção para a "interpenetração" de civilizações geograficamente distantes, que tinha sido desvalorizada. Não se pretende, contudo, usar aqui neste caso o termo 'glocal' para tentar clarificar uma posição relativamente ao nível global mas, pelo contrário, acredito que *o impacto do 'local' no 'global' é, e terá de ser, tão forte como o inverso e ainda que não se coloquem numa relação dicotómica, ao invés, que se entretencam mutuamente*. De acordo com Urry, a interacção permanente processa-se na forma de uma "relacionalidade complexa", e aqui o autor inspira-se na relação entre superestrutura e agente de Marx e, por conseguinte "resulta na emergência de sistemas em desequilíbrio" (2005, p. 242, tradução minha). O autor adapta a sua analogia à globalização afirmando que a globalização (ou o capitalismo global) é a nova "superestrutura", ao passo que as nações, as regiões, o local, etc. são os novos "agentes". Portanto, na globalização, independentemente da distância entre a superestrutura e a agência local, a relação entre ambos os níveis é poderosa, intensa e indelével. No entanto, a globalização, vista do hemisfério sul, parece ainda mais invasiva do que a partir do hemisfério norte, porque a sua língua (inglês), a sua cultura (tecnologia e ciência) e a sua religião (secularismo e ateísmo) emanaram do Norte, e parece eternizar o colonialismo. De tal modo que, por vezes, se esquece, em ambos os lados, que, nesta fase do processo, a globalização tem estado a colonizar tanto o norte como o sul geográficos (Guilherme e Souza, 2019). Milton Santos chama-lhe "globalitarismo": - "a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro ... e permite pensar que vivemos numa época

de globalitarismo muito mais que de globalização” (Santos 2000[2015, p. 55]).

Este termo, línguas glocais, também recebeu inspiração a partir das formas de produção de globalização identificadas por Boaventura de Sousa Santos, sobretudo a que se refere à fase de “globalismo localizado” que segundo o autor “consiste no impacto específico de práticas e imperativos transnacionais nas condições locais, as quais são, por essa via, desestruturadas e reestruturadas de modo a responder a esses imperativos transnacionais” (1997, p. 16). Contudo o meu enfoque nas ‘línguas glocais’ pretende ir para além do simples impacto do global no local e concentra-se na resposta dos ‘globalismos localizados’ às práticas e significados globalizantes. A identificação de quatro formas de globalização por Sousa Santos dão espaço para uma ‘viragem descolonial’, uma vez que reconhece o encadeamento entre o local e o global, ao salientar que a globalização começa com um “localismo globalizado” que passa a ser um “globalismo localizado” que, por fim, fica ao dispor das mentes e dos corações dos agentes locais. Sousa Santos ainda se refere a outras duas formas de produção de globalização que constituem duas formas potenciais de acção no âmbito do local em circunstâncias de globalidade, são estas o “cosmopolitismo” e a “herança comum da humanidade” que convidam indivíduos e colectivos, sobretudo movimentos sociais, a juntarem-se e lutar por ideais comuns, para além das fronteiras, pela preservação das riquezas naturais e culturais, por formas de desenvolvimento diferentes, por epistemologias mantidas invisíveis, por um cosmopolitismo insurgente e por uma ecologia de saberes onde as línguas estejam incluídas. O conceito de línguas glocais, que ultrapassa o conceito de “globalismo localizado” ao assumir uma viragem descolonial e ao ganhar voz, implica portanto a reivindicação de pertença e a revivificação de línguas coloniais e colonizadas, isto é, todas as que foram implicadas nas diferentes matrizes coloniais.

Espera-se que as chamadas línguas indígenas deixem de ser percebidas como resíduos do passado cuja realização e aprendizagem esteja circunscrita aos limites da sua condição

de espécie em extinção para darem lugar a uma consciência generalizada do seu valor linguístico, cultural, epistemológico e ontológico e do seu potencial de nos oferecer visões do mundo diferentes (Cavalcanti e Maher 2017). As línguas de origem europeia devem ser consideradas como elas de facto são, autónomas e independentes, das quais o português brasileiro é um bom exemplo. De outro modo, considerando-as ainda dependentes das suas raízes europeias e mantendo-as simbolicamente reféns do colonialismo, não é mais do que uma percepção pós-colonial das ‘glocalizações’. Pelo contrário, considerá-las como línguas *francae* significa colocá-las ao serviço de um entendimento neocolonial da globalização das línguas. Nem manter as línguas glocais prisioneiras do passado, por um lado, nem deitar fora esse fardo como se nunca tivesse existido, por outro lado, oferece uma solução consistente. A noção de ‘línguas glocais’ reside numa percepção de globalizações e localizações cruzadas e multi-escalares, no plural, mas constituídas historicamente, impulsionadas pela economia, hierarquicamente colocadas e em constante turbulência (Guilherme e Souza, 2019).

As/Os professoras/es brasileiras/os que compuseram o meu contexto nestes anos em que o projecto decorreu no Brasil revelaram todas/os elas/es, um entendimento do horizonte ‘glocal’ das línguas que ensinam. Contudo, Takaki tem uma reflexão interessante acerca dos “letramentos da globalização”, referindo-se à reacção negativa em relação ao ensino e utilização da língua inglesa na academia brasileira, notando que o etnocentrismo linguístico “pode dificultar re-visões pluralizadas pois o ‘local’ nem sempre está pronto” (2016, p. 182). Tanto mais quanto mais a ideia de “pronto”, em meu entender, pode ter aqui várias significações quer a montante quer a jusante do processo de glocalização, quer no sentido de ‘completo’, quer no sentido de preparado para. Portanto, esta afirmação é rica e merecerá alguma discussão na academia brasileira. E é aqui precisamente que deve ser lançado o desafio a partir do conceito de ‘línguas glocais’ a ser rescrito pelas Epistemologias do Sul.

Algumas/uns das/os Professoras/es que colaboraram neste estudo disponibilizaram-se a assumir a sua própria voz e a partilhar as suas ideias e experiências lectivas em discurso directo. A seguir:

A Secção 1: Línguas glocais – fundamentos teóricos, é constituída apenas pelo capítulo 1 onde se apresentam os fundamentos teóricos para o conceito de ‘línguas glocais’. Este capítulo, de Manuela Guilherme, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, a organizadora deste livro, intitula-se *Línguas glocais: A reinvenção das línguas descolonizadas* e começa com uma reflexão introdutória sobre o papel da língua na constituição da nacionalidade e na imposição da colonialidade. Prossegue então a descrever o estado da arte no que respeita às diversas percepções da paisagem linguística de hoje, através da análise de outras teorias contemporâneas que contextualizam, suportam e exigem um quadro conceptual diferente tal como o de ‘línguas glocais’ que é desenvolvido neste livro. Este capítulo clarifica também o uso da metáfora Norte-Sul em relação ao norte e ao sul geográficos que analisa tanto em perspectiva sincrónica como diacrónica. Discute ainda vários aspectos do multilinguismo e de concepções de língua e diversidade propostas por outros autores. Para concluir, a autora resume os resultados de um estudo qualitativo sobre o ensino de línguas (português, como língua primeira e estrangeira ou adicional, inglês e espanhol como línguas estrangeiras ou adicionais e línguas indígenas como línguas adicionais), em três universidades federais no Brasil.

A Secção 2: Línguas indígenas e diásporas culturais involuntárias, inclui um capítulo de Luciana Storto com o título *Línguas indígenas: um estudo de caso sobre variação e universais*, sobre o ensino de línguas não-europeias no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, a sua variabilidade e universalidade, esta no que se refere a certas características que se assemelham às das línguas indo-europeias. Este texto tem como objectivo descrever a experiência inovadora de introdução das línguas do tronco Tupi aos estudantes da Faculdade de Letras desta universidade que aqui são apresentadas no contexto

geral das línguas indígenas no Brasil. A autora concentra-se, mais especificamente, na língua Karitiana do estado da Rondônia. A autora considera que há também características inovadoras nas línguas indígenas, que servem como desafios para as teorias linguísticas, sociológicas e antropológicas e devem ser mais bem descritas e incorporadas ao conhecimento científico. Nesta secção temos ainda outro capítulo intitulado *Estudos de expressões identitárias: uma experiência 'glocal'* escrito por Florentina da Silva Souza, Universidade Federal da Bahia. Neste texto, trata-se de expressões identitárias ligadas à afrodescendência na diáspora em geral e no Brasil em particular. Segundo a autora, insere-se plenamente no contexto de discussões inerentes ao esquema conceitual proposto pelas 'línguas glocais', pois discute exemplares de diversas expressões identitárias, investindo indubitavelmente em uma metodologia da interculturalidade. No programa descrito, Florentina da Silva Souza, também empreende análise literária de obras e autores em outras línguas que partilham temas comuns relacionados com a sua afrodescendência e o seu estatuto académico, concentrando-se especialmente nos intelectuais do século XX em diáspora que se tivessem dedicado essencialmente a estes temas.

Passa-se depois para a Secção 3: Português como 'língua glocal' e para o capítulo 4, intitulado *Gramática e gramáticas: do português ao português brasileiro* de Maria Cristina Figueiredo Silva, da Universidade Federal do Paraná que nos esclarece que é tarefa do professor do curso universitário construir uma visão do português brasileiro mostrando o conjunto de regras que regem essa gramática – ou essas gramáticas, com base nos dados provindos das diferentes regiões do país, presentes na fala de seus graduandos. A autora considera que é tarefa particularmente instigante a de discutir um tipo específico de conhecimento gramatical, que é a área tradicionalmente conhecida como sintaxe, uma área espinhosa porque numa larga medida é invisível, isto é, onde não se fala do objectivo, mas de relações entre subjectivos, que são sempre muito mais abstractas. Este capítulo trata das diferentes variedades do

português brasileiro e da possibilidade de se formular algumas generalizações regionais ou mesmo inter-regionais. A autora nota que as formas que não exibem concordância com as normas já identificadas na língua original são estigmatizadas, como se fossem desprovidas de regras gramaticais. De seguida, o capítulo 5, da autoria de Rosane de Sá Amado, da Universidade de S. Paulo, intitula-se *O português como língua glocal: caminho para a cidadania e o acolhimento* e trata da língua brasileira aprendida com língua de acolhimento. Segundo a autora, o português deixou de ser uma língua local no século XVI para se transformar em uma língua global e o português falado no Brasil, de língua colonial, passou a ser, 500 anos depois, a variante mais falada no mundo. No início do século XXI, fatores político-económicos e culturais levaram o português falado no Brasil a ser uma língua desejada internacionalmente, mais particularmente na América Latina, e também a ser procurada por estrangeiros no Brasil. A par desses factos, a crise humanitária, também tem trazido estrangeiros ao país. O Brasil apresenta uma política que tem sido elogiada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), por acolher refugiados do mundo inteiro. Este capítulo vai abordar a trajetória da criação da disciplina optativa de graduação “Introdução aos estudos de português para falantes de outras línguas” na USP em 2009 e que já formou mais de 300 alunos. O português, assim, assume seu papel de língua glocal por pavimentar o caminho da cidadania e da acolhida a todos os que chegam a este país.

A Secção 4: Espanhol como ‘língua glocal’ começa com o capítulo 6 por Adrián Pablo Fanjul, da Universidade de S. Paulo, com o título *Dimensiones comparativas para la lengua española en la enseñanza superior brasileña* que refere a sua pesquisa comparativa entre o espanhol da América do Sul e o português brasileiro e a sua aplicação nas actividades de sala de aula. Nestes cursos constituíram-se tópicos de comparação que podem ser identificados segundo três categorias principais: - a delimitação política das línguas, a discursividade e a dinâmica linguística nos seus aspectos sistémicos. O autor parte do pressuposto que a comparação entre línguas, bem

como a avaliação entre a aproximação e o distanciamento entre elas, deve ser contextualizada nas suas circunstâncias socio-históricas e, no caso do português e das variedades do espanhol latino-americano, resultam de processos de implantação que tiveram em comum o seu carácter colonial mas que se diferenciam na especificidade de cada um dos tipos de colonização e nos desenvolvimentos político-linguísticos posteriores. Neste capítulo, o autor demonstra como esta prática educativa pode promover o estudo destas línguas na sua heterogeneidade como parte de projectos de integração sociocultural. Ainda nesta secção, o capítulo 7, intitulado *Voces en español: variación lingüística y heterogenidad discursiva de una lengua plural* de Francisco Javier Calvo del Olmo, da Universidade Federal do Paraná, que descreve uma experiência do ensino do castelhano nesta universidade tendo em conta a sua pluralidade, na diversidade das variedades linguísticas, de discursos e de bagagens culturais. O autor encara a língua como uma experiência colectiva e como a soma dos discursos emanados de diferentes lugares de enunciação.

Finalmente, a Secção 5: Inglês como 'língua glocal' começa com o capítulo 8, intitulado *Por uma "Ecologia dos Saberes": Língua e produção de conhecimento na universidade* por Anna Maria Grammatico Carmagnani, Universidade de S. Paulo. O objetivo deste texto é discutir a relação entre língua e produção do conhecimento, a partir do conceito defendido por Boaventura de Sousa Santos (2014) de ecologia dos saberes, considerando-se a formação dos futuros profissionais na área de Letras, no presente caso, formação em inglês como língua estrangeira. A partir dessa posição, propõe-se discutir o que seria produzir conhecimento na área específica de Letras, Inglês e possíveis deslocamentos na formação dos futuros profissionais. A partir da análise do discurso da mídia sobre o professor, a escola e o conhecimento e de atividades propostas em aula, este capítulo reflete sobre as mudanças de perfil de alunos na universidade hoje e as possibilidades e limitações que se apresentam para o ensino superior, levando em conta a proposta de ecologia dos saberes, o legado cultural e, no caso específico, a formação de profissionais "críticos". O último capítulo da responsabilidade

de Walkyria Monte-Mór, da Universidade de S. Paulo, intitula-se *O encontro entre o global e o local: discutindo uma perspectiva crítica no aprendizado de língua inglesa*. Neste texto, a autora discute a proposta de ampliação de perspectivas na formação de graduandos da área de Linguística Aplicada e Letras quando se trata de estudar as funções social, cultural e educacional do aprendizado de língua inglesa. A ideia inicial da autora é debater as justificativas naturalizadas para a visão hierárquica de sociedade, língua e cultura e as relações de poder entre o global e o local / regional. De seguida, volta-se para a relação identidade, língua e cultura, no contexto de uma diversidade construída pela história e pela heterogeneidade social de grupos e comunidades culturais, imbuída de representações e de valores, muitas vezes tidos respectivamente por realidade e verdade. Por fim, focaliza-se na descentralização da visão iluminista de sociedade, de homem/identidade, de cultura e de língua e na revisão da questão de poder hegemônico e hierárquico, colonial e global nas sociedades e comunidades, nas identidades, nas línguas e culturas, a favor da expansão de perspectivas. Assim sendo, concentra-se em alternativas capazes de promover reflexões que favoreçam os propósitos de ampliação já expostos: o global e o local /o gloal; a multiculturalidade, homogeneidade e heterogeneidade nas línguas, culturas e identidades.

Referências

- ARAÚJO-SILVA G. F. e SIQUEIRA, D. S. (2009). Como abordar as questões ideológicas nas aulas de língua estrangeira?, in: D. C. LIMA (org.) *Ensino e aprendizagem da língua inglesa: Conversas com especialistas*. São Paulo: Ipiranga.
- CAVALCANTI, M. C. e MAHER, T. M. (orgs.) (2017). *Multilingual Brazil: Language resources, identities and ideologies in a globalized world*. New York: Routledge.
- CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. do S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F.W. e ALTENHOFEN, C. V. (2014). *Atlas Lingüístico do Brasil*, vol. 1 e 2. Londrina: Eduel.

- GUILHERME, M. M. (2017). "Visões de futuro em Freire e Dewey: Perspectivas interculturais das matrizes (pós)coloniais das Américas." *ECCOS*, vol. 44, pp. 205-223.
- GUILHERME, M. M. (2018). "O diálogo intercultural entre Freire & Dewey: O Sul e o Norte nas matrizes (pós)coloniais das Américas." *Educação e Sociedade*, 39: 142, pp. 89-105.
- GUILHERME, M. (2019). Línguas 'glocais' no Brasil: O global e o local com inspiração na pedagogia crítica de Paulo Freire, in: HADDAD BAPTISTA, A. M. e GUILHERME, M. (eds.) *Plurilinguismo: Por um universo dialógico*. São Paulo: BT Acadêmica.
- GUILHERME, M. e MENEZES de SOUZA, L. M. T. (2019). Introduction: Glocal languages, the South answering back, in: M. GUILHERME e L. M. T. M. SOUZA (eds.) *Glocal Languages and Critical Intercultural Awareness: The South answers back*. London and New York: Routledge.
- JORDÃO, C. M. (2016). Apresentação: De rumos e passagens, in: JORDÃO, C. M. (org.) *A Linguística Aplicada no Brasil: Rumos e Passagens*. Campinas: Pontes, pp. 11-13.
- LUCHESI, D. (2015). *Língua e sociedade partidas: A polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.
- MAHER, T. M. (2013). "Ecos de resistência: Políticas linguísticas e minoritárias no Brasil", in: NICOLAIDE, C.; APARECIDO da SILVA, K.; TILIO, R. e ROCHA, C. H. (orgs.) *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes.
- MOITA LOPES, L. P. (2006). "Introdução", in: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MOITA LOPES, L. P. (2009). "Linguística aplicada como lugar de construir verdades contingentes: Sexualidades, ética e política." *Niterói*, vol. 27, nº 2, pp. 33-50.
- PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V. e MONTE-MÓR, W. (orgs.) (2018). *Perspectivas Críticas de Educação Linguística no Brasil: Trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês*. São. Paulo: Pá de Palavra.

- PORFÍRIO, L. e SIQUEIRA, S. (orgs.) (2016). *Colhendo frutos e partilhando saberes acerca da linguagem: Diálogo entre pesquisas de um doutorado interinstitucional*. Cascavel: Edunioeste.
- RAJAGOPALAN, K. (2004) *Por uma Linguística Crítica: Linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial.
- RAJAGOPALAN, K. (2013). “Política linguística: Do que é que se trata, afinal?”, in: NICOLAIDES, C.; APARECIDO da SILVA, K.; TILIO, R. e ROCHA, C. H. (orgs.) *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes.
- RIBEIRO, D. (2016) *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. São Paulo: Global.
- ROBERTSON, R. (1995). “Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity”, in: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. e ROBERTSON, R. (eds.) *Global Modernities*. London: Sage, pp. 25-44.
- ROCHA, C. H. e MACIEL, R. F. (orgs.) (2015). *Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas*. Campinas: Pontes.
- SANTOS, M. (2000[2015]). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record.
- SCHEYERL, D. e SIQUEIRA, S. (orgs.) (2016). *Nas Trilhas da interculturalidade: relatos de prática e pesquisa*. Salvador: UFBA.
- SOUSA SANTOS, B. (1997) “Por uma concepção multicultural de direitos humanos.” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 48, pp. 11-32.
- TAKAKI, N. H. (2016). “Letramentos da globalização: Revendo criatividade, criticidade e ética na educação em línguas/ linguagens”, in: JORDÃO, C. M. (org.) *A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens*. Campinas: Pontes, pp. 11-13.
- URRY, J. (2005). “The complexities of the global.” *Theory, Culture & Society*, vol. 22, n° 5, pp. 235-254.